UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE LETRAS
CURSO DE BACHARELADO EM LÍNGUA FRANCESA E RESPECTIVA LITERATURA

SERGIO LUIZ DOSCHER DA FONSECA

COMO O COMPORTAMENTO DE GERAÇÕES ANTERIORES INFLUENCIA O COMPORTAMENTO DOS INDIVÍDUOS - UMA ANÁLISE COM FOCO NA TRANSGERACIONALIDADE DAS OBRAS QUEM MATOU MEU PAI DE ÉDOUARD LOUIS E O AVESO DA PELE DE JEFERSON TENÓRIO

Brasília - DF
2025

SERGIO LUIZ DOSCHER DA FONSECA

COMO O COMPORTAMENTO DE GERAÇÕES ANTERIORES INFLUENCIA O COMPORTAMENTO DOS INDIVÍDUOS - UMA ANÁLISE COM FOCO NA TRANSGERACIONALIDADE DAS OBRAS QUEM MATOU MEU PAI DE ÉDOUARD LOUIS E O AVESO DA PELE DE JEFERSON TENÓRIO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade de Brasília – Instituto de Letras como requisito final para obtenção do título de Bacharel Língua Francesa e Respectiva Literatura

Professor Orientador: Prof. Dr., Daniel Teixeira da Costa Araújo

Brasília – DF

2025

SERGIO LUIZ DOSCHER DA FONSECA

COMO O COMPORTAMENTO DE GERAÇÕES ANTERIORES INFLUENCIA O COMPORTAMENTO DOS INDIVÍDUOS - UMA ANÁLISE COM FOCO NA TRANSGERACIONALIDADE DAS OBRAS QUEM MATOU MEU PAI DE ÉDOUARD LOUIS E O AVESO DA PELE DE JEFERSON TENÓRIO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade de Brasília – Instituto de Letras como requisito final para obtenção do título de Bacharel Língua Francesa e Respectiva Literatura.

Data da aprovação: 21/02/2025

Como o comportamento de gerações anteriores influenciam o comportamento dos indivíduos - uma análise com foco na transgeracionalidade das obras *Quem matou meu pai* de Édouard Louis e *O avesso da pele* de Jeferson Tenório

Introdução

Cada geração é moldada pelos comportamentos das gerações anteriores. A língua e a cultura de maneira ampla são exemplos disso. A transmissão geracional funciona como uma "herança" que pode levar à reprodução ou à negação de comportamentos, como racismo, misoginia, evasão escolar ou até à adesão a um conjunto de valores morais com os seus aspectos de julgamento sobre o que é certo ou errado. A literatura, como *mimesis*, que é imitação da realidade na arte, ou seja, a maneira como as obras representam o mundo, as ações humanas, emoções e eventos, contém, em vários romances, descrições desses comportamentos que são passados de geração em geração. Entre os romances que alcançaram um grande sucesso entre leitores, mas também de crítica nos últimos anos estão: *Quem matou meu pai* de Édouard Louis e *O avesso da pele* de Jeferson Tenório.

Durante a minha leitura a percepção de que em ambos os romances os protagonistas são marcados, pelos comportamentos das gerações anteriores, em particular do pai, foi imediata e despertou meu desejo de desenvolver uma análise crítica que explicite os mecanismos dessa transmissão de comportamentos em cada romance. De maneira mais ampla o objetivo é utilizar a literatura como meio para a compreensão das dinâmicas sociais - e familiares - da contemporaneidade.

Hereditariedade, Intergeracionalidade e Transgeracionalidade,

Os conceitos de hereditariedade, intergeracionalidade e transgeracionalidade habitualmente podem ter seus significados confundidos. Assim, para lograr êxito no objetivo de compreender a transmissão de comportamentos entre gerações nas obras literárias escolhidas é imprescindível estabelecer a distinção entre eles e a compreensão sobre as possíveis delimitações de significado de cada um.

O conceito de hereditariedade é utilizado em diversos campos científicos, mas com variações em seu significado conforme o contexto disciplinar. O uso mais comum do termo, na biologia, se refere à transmissão de características físicas visíveis e não visíveis de um ser humano, como a cor dos olhos e o tipo sanguíneo, com a hereditariedade referindo-se à transmissão de características genéticas de uma geração para outra por meio do DNA. Na medicina, hereditariedade diz respeito à predisposição genética para certas doenças, como câncer, diabetes e distúrbios psiquiátricos. Na área das ciências sociais, o conceito aparece em debates sobre a transmissão cultural e social. Embora não se trate de hereditariedade biológica, existem discussões sobre a influência das condições socioeconômicas e culturais

herdadas, por exemplo, na reprodução das desigualdades sociais. Na psicanálise, assim como nas ciências sociais, a hereditariedade não se refere apenas à transmissão biológica, mas também a uma transmissão psíquica, a psicanálise estuda como os traumas, padrões de comportamento e desejos inconscientes transmitidos entre gerações. No entanto, a utilização do mesmo conceito das ciências naturais pode não ser tão útil para compreender como certos padrões emocionais e traumas podem ser transmitidos entre gerações sem depender da genética, ou mesmo, como experiências de antepassados podem ser incorporadas psiquicamente pelos descendentes, mesmo sem um contato direto, como é feito na teoria do inconsciente. Assim, o termo hereditariedade quando queremos fazer menção a comportamentos e desejos transmitidos entre gerações pode gerar confusão, pois a psicanálise não se refere à hereditariedade genética, mas a processos psíquicos e simbólicos. Outro aspecto negativo do uso do conceito para esse fim, seria o reforço de uma visão fatalista da subjetividade, sugerindo que traumas ou neuroses são “inescapáveis” devido à história familiar.

Já a definição do conceito de intergeracionalidade, parece se adaptar melhor à transmissão entre gerações ou entre grupos sociais na área das ciências sociais. A busca pelo seu uso em produções acadêmicas revela um maior número de referências em citações da antropologia, sociologia e educação. As citações nesses campos teóricos referem-se à relação entre gerações ou grupos de sociedades ao invés de relações estritas entre indivíduos, como veremos no termo transgeracionalidade. Um exemplo desse uso nas ciências sociais é o texto de José Alcides Figueiredo Santos, *Desigualdade racial na transmissão intergeracional da herança de classe social* (2022), onde o autor cita: “Este artigo analisa a desigualdade racial na transmissão intergeracional das vantagens e desvantagens de origem de classe social no Brasil” ou “Estudo mais recente analisa, de forma desagregada por raça, tipo de família (baseado na inserção no trabalho) e gênero, a persistência intergeracional de status socioeconômico no Brasil.”. Assim, é possível atribuir o conceito de intergeracionalidade às interações, relações e influências mútuas entre diferentes gerações em uma sociedade, como a transmissão de valores, conhecimentos, práticas culturais e dinâmicas de poder.

Por sua vez, o termo transgeracionalidade foi forjado na psicanálise, segundo Oliveira, Ribeiro e Bonfatti (2022), particularmente a de inspiração junguiana, que atribui ao núcleo familiar a origem da constituição psíquica dos indivíduos. No caso da caracterização do comportamento de personagens na literatura em suas relações familiares, o aspecto do ser enquanto sujeito do inconsciente pode então ser compreendido por meio das lentes da psicanálise, que é o campo de estudos que têm o inconsciente como objeto. Segundo Oliveira, Ribeiro e Bonfatti, Jung “enfatiza a relevância do ambiente familiar, que no âmbito de suas potencialidades e perturbações, moldam a psique em formação, com impactos diretos na constituição da criança e suas consequências na vida adulta” (OLIVEIRA; RIBEIRO; BONFATTI, 2022, p. 892). Assim, a psicanálise caracteriza a influência do ambiente e das relações

familiares no comportamento dos indivíduos devendo, por *mimesis*, operar da mesma forma na literatura, onde na construção de personagens as suas experiências familiares também devem marcar as suas trajetórias. É possível então, verificar o ambiente familiar operando como um mecanismo de opressão social e afetiva, delimitando as possibilidades do protagonista e reforçando dinâmicas de poder e exclusão. Dessa forma, podemos entender que a literatura, como reflexo da realidade, corrobora com a teoria de Jung ao apresentar personagens cujas angústias, inseguranças e motivações são traçadas desde a infância, demonstrando que o passado familiar não é apenas um pano de fundo, mas um eixo estruturante da subjetividade e das relações sociais que os personagens estabelecem na vida adulta.

Dentre os três conceitos o mais adequado ao objetivo desta análise é o de transgeracionalidade no mesmo entendimento utilizado no texto de Oliveira, Ribeiro e Bonfatti (2011): “a transgeracionalidade implica numa cadeia traumática transgeracional, ou seja, uma repetição de histórias colapsadas entre os membros da família” (OLIVEIRA; RIBEIRO; BONFATTI, 2022, p. 897). Nessa passagem, os autores analisam como as estruturas sociais reforçam essas transmissões, perpetuando desigualdades raciais e econômicas em reforço ou negação da transmissão parental ou familiar. Assim, ao observar as narrativas de Louis e Tenório, é possível perceber como as trajetórias dos personagens são marcadas pelas transmissões geracionais oriundas das experiências de seus pais e avós.

Análise Sociológica

Já na primeira página da narrativa de Louis em *Quem Matou Meu Pai*, o aspecto de crítica sociológica e sobretudo política já se apresenta na obra. O narrador afirma que existe uma “distinção entre populações com a vida sustentada, encorajada, protegida” (Louis; 2023; p. 9) em oposição à “populações expostas à morte, à perseguição, ao assassinato” em consequência do machismo, homofobia, transfobia ou dominação de classe. A obra de Louis expõe de maneira brilhante, como as situações de exploração e dominação social ocorrem, mesmo em um país desenvolvido como a França e, para além da denúncia dessas situações, é possível perceber como pretendo demonstrar nessa análise as situações de transmissão transgeracional.

Ainda na primeira página o pai do narrador é apresentado, e Louis utiliza uma narrativa em segunda pessoa auxiliando o leitor no entendimento da familiaridade da relação entre narrador e protagonista: “o mar fica a apenas alguns quilômetros, mas você nunca vai até ele” (Louis; 2023; p. 9). Mais adiante no desenvolvimento do romance surge a ênfase na crítica política se sobrepondo à sociológica: “Você pertence àquela categoria de seres humanos para quem a **política** reserva uma morte precoce” (Louis; 2023; p. 11). Aqui Louis já antecipa uma característica do romance que é a denúncia política, que na parte final chega a enunciar nominalmente aqueles,

gestores e administradores - de indicação política, que o narrador considera responsáveis pelo arqueamento das costas do pai e pela sua morte precoce.

Na obra de Tenório, o narrador também se refere ao pai, com quem dialoga na segunda pessoa do singular, como se estivesse conversando com ele em uma tentativa de reconstruir a identidade paterna que acredita não conhecer bem: “Um dia você recebeu a notícia da morte do seu pai. Mas você não sabia bem como reagir. Pois você não conviveu com ele. Seu pai sempre foi um completo estranho.” (Tenório, 2020, p. 57). Na obra de Tenório a crítica sociológica tem um foco no racismo estrutural existente na sociedade brasileira e assim como em Louis, para além da construção de uma crítica sociológica, a transmissão transgeracional, poderá também ser observada permitindo entender como padrões de comportamento são transmitidos entre gerações.

Uma distinção relevante entre os dois textos é que no caso de Tenório, os personagens são fictícios embora na narrativa seja possível observar que os lugares e contextos históricos se assemelham a situações que podem ter sido vividas pelo próprio autor, tendo em vista a sua idade, história de vida e lugares de residência. A possibilidade de interação entre a realidade vivida pelo autor e a ficção da narrativa na obra de Tenório é tão marcante que, em uma palestra, o autor chegou a receber os pêsames pela morte do seu pai por um membro da plateia e teve que explicar que tal evento se tratava de uma ficção ligada apenas ao personagem na obra. No caso de Louis, a obra *Quem Matou Meu Pai* é uma autoficção, que combina elementos autobiográficos com uma narrativa que ocorre em uma “fronteira” entre ficção e realidade, de maneira que pode ser considerada como uma reinterpretação da sua própria trajetória pessoal, questionando elaborações de identidade e memória. O narrador em determinadas passagens do romance, estabelece um diálogo com o leitor onde questiona a necessidade de insistir, de recontar passagens ordinárias (comuns) da vida cotidiana de uma família assalariada fabril na França: “Isso eu também já contei - mas será que não é preciso repetir, quando falo da sua vida, já que de vidas como a sua ninguém quer saber?” (Louis, 2023, p. 18). Ele defende a ideia de que é necessário repetir até ser ouvido, mesmo que não atenda assim, às exigências da literatura, argumentando que existe uma urgência de contar essa realidade ordinária, constituidora da vida de uma parcela tão significativa da sociedade. Talvez essa urgência de denúncia de uma realidade opressora na voz de um narrador em autoficção explique o sucesso desse tipo de romance nos anos mais recentes, pois a necessidade de contar pode encontrar respaldo na necessidade de ler sobre essa realidade, buscando nessa leitura a compreensão dessas vivências. Talvez a inovação se assemelhe ao que Émile Zola tenha com Germinal, inaugurando um novo estilo de narrativa no romance.

Pretendo neste texto, anunciar três aspectos das obras analisadas, que caracterizam o mecanismo de transgeracionalidade, ou seja, a transmissão de padrões de comportamento entre gerações por reprodução ou negação.

Primeiro aspecto - a ausência paterna.

Pode parecer estranho falar de ausência paterna em duas obras cujo fio condutor é a relação entre pai e filho. No entanto, nas duas obras é possível observar que a presença do pai não vai muito além de uma presença física, quando muito.

Em “Quem matou meu pai” o narrador afirma que quando voltava da escola, torcia para que o pai não estivesse em casa e que voltasse tarde:

> “Durante toda a minha infância ansiei por sua ausência. Voltava da escola no fim da tarde (...). Se eu não via seu carro na calçada na frente da casa, sabia que iríamos comer sem você, que minha mãe acabaria dando de ombros e nos servindo o jantar e que eu só o veria no dia seguinte. Todos os dias, (...) implorava em silêncio faça com que ele não esteja lá.” (Louis, 2023, p. 11 e 12).

Em outro trecho a denúncia da ausência paterna é explícita: “Um dia, escrevi a seu respeito em um caderno: *escrever a história de vida dele é escrever a história da minha ausência*.” (Louis, 2023, p. 11 e 12). No romance o narrador deixa clara uma difícil relação de parentalidade, onde o pai é visto pelo filho como recriminador da sua sexualidade, opressor da mãe e interessado em demostrar aparências de consumo em discrepância com a situação de renda familiar de um trabalhador assalariado fabril como ele, gerando falsas expectativas e frustrações em relação, por exemplo, a presentes de natal. O desenvolvimento da autoficção, deixa claro que esse somatório dos comportamentos paternos são moldados por uma espécie de “armadilha da transgeracionalidade” pois o pai do pai, avô do narrador, também teve uma vida de trabalhador fabril assalariado, na mesma pequena cidade: “Seu pai foi embora quando você tinha cinco anos (...) saiu para ir trabalhar na fábrica e não voltou a noite” (Louis, 2023, p. 17). Na sequência, o narrador ainda comenta mais sobre a ausência do avô na vida do pai marcada pela espera da avó: “minha avó, me contava que tinha esperado por ele, (...) por toda a primeira metade da vida dela” (Louis, 2023, p. 17). A ausência paterna foi um comportamento vivido pelo pai e depois, reproduzido com o filho, mesmo sem sair fisicamente de casa, denotando a transgeracionalidade desse comportamento.

O afastamento entre pai e filho se torna cada vez maior, com o crescimento do filho, acompanhado do desenvolvimento de uma sexualidade homoafetiva, diferente da heteronormativa do pai. A percepção do estranhamento em relação às diferentes sexualidades entre pai e filho se dá de maneira marcante a partir do episódio da apresentação/espetáculo das crianças para os adultos em uma noite em que amigos do pai e os filhos dos amigos haviam sido convidados para comer em casa e, uma primeira interpretação do narrador, aponta para uma compreensão sobre o que aconteceu, como um sentimento de vergonha do pai devido ao filho ter feito o papel feminino da vocalista da banda:

> "...começamos o espetáculo, mas você imediatamente olhou para o outro lado. Eu não entendia. Todos os adultos olhavam, menos você. Cantei mais alto, dancei com gestos mais exagerados para que você me notasse, mas você não olhava. Eu dizia, Papai, olha, olha, eu fazia de tudo, mas você não olhava." (Louis, 2023, p. 16).

Esta cena é reelaborada ao longo do romance como em um processo de psicanálise, mas em um primeiro momento é determinante para aprofundar o afastamento entre pai e filho, tornando a ausência paterna cada vez maior.

No romance "O Avesso da Pele", o tema da ausência paterna surge quando é narrada a saída de casa do pai de Henrique, o avô do narrador: "Você tinha um ano de idade quando seu pai sumiu no mundo. Sua mãe se viu obrigada a dar um jeito. E você cresceu vendo a sua mãe dar um jeito nas coisas." (Tenório, 2020, p. 69). Mais adiante, o protagonista Henrique também sai de casa marcando a reprodução transgeracional do comportamento: "Eu ainda não tinha completado um ano de idade quando vocês se separaram" (Tenório, 2020, p. 119) e," Foi até a sala, pegou sua mochila com o que tinha dentro. Girou a chave silenciosamente. E, ao sair, teve o cuidado de não bater a porta com força. Você parecia um fugitivo. Você era um fugitivo. Era uma noite triste. Pois estava indo embora e não ia mais voltar" (Tenório, 2020, p. 124). A cena dos pais saindo de casa: o avô e o pai do narrador no *Avesso da pele* e, o avô, mas até mesmo o pai - presente apenas fisicamente -, em *Quem matou meu pai*, se assemelha bastante ao pai que sai de casa para comprar cigarro e não volta nunca mais, da vida real, relato muitas vezes reproduzido e que, de maneira crítica, vem sendo expresso como "aborto masculino". Esse comportamento carrega a marca da transgeracionalidade e está muito bem caracterizado nos dois textos fazendo a *mimesis* da realidade.

Segundo aspecto - discriminação social: de classe, homofobia e racismo

Em "Quem matou meu pai" a questão da classe social é fundamental para entender a transgeracionalidade. A narrativa apresenta uma impossibilidade de mobilidade social que marcou a vida do pai, do avô e do irmão mais velho. O pai do protagonista, operário de uma cidade pequena na França, sofre as consequências de políticas neoliberais que devastam a classe trabalhadora, afetando-o fisicamente e explorando-o economicamente. O avô havia sido vítima das mesmas forças, o irmão mais velho não percebe alternativas e o narrador só consegue romper com a reprodução transgeracional da condição de explorado e destruído ao rejeitar tanto o pertencimento ao mundo quanto à visão de mundo de seus antepassados e familiares vivos. Louis enfatiza como a herança da pobreza, na resignação dentro de um mesmo modelo político, é transmitida de pai para filho:

> "os poderosos podem reclamar de um governo de esquerda, podem reclamar de um governo de direita, mas um governo nunca lhes causa problemas digestivos, (...) nunca lhes tritura as costas (...) A política não muda a vida deles (...) Para os poderosos, na maior parte do tempo a política é uma *questão estética* (...) Para nós, significa viver ou morrer." (Louis, 2023, p. 63).

Nessa passagem o narrador aponta claramente a "armadilha" do nascimento dentro da classe assalariada fabril como determinante das condições de vida e na aceitação da reprodução da exploração e da discriminação social de classe. A aceitação dessa "visão de mundo" também é repassada entre gerações de maneira transgeracional.

Quanto à discriminação de gênero, a visão do pai em Louis é explicitada na seguinte passagem:

> "Para você, construir um corpo masculino significava resistir ao sistema escolar (...) um dos meus primos tinha dado um tapa num professor (...) Falava-se dele sempre como um herói. Ser homem - não se comportar como mulherzinha, não ser viado - significava sair da escola o mais rápido possível..." (Louis, 2023, p. 26 e 27).

Não apenas a discriminação em relação à homossexualidade fica clara nessa passagem, como a narrativa expressa com clareza a visão da classe assalariada fabril de que a submissão à autoridade escolar estaria ligada a uma perda de masculinidade, deixando evidente que esse comportamento pode ser um fator adicional a maior evasão escolar e, consequente, menores opções de formulação de projetos de vida alternativos entre as classes assalariadas fabris.

Em "O Avesso da Pele", na reflexão sobre a trajetória de vida de seu pai, o narrador destaca a presença arraigada do racismo estrutural nas interações sociais brasileiras, estabelecendo a marca da crítica sociológica do romance. Fica evidenciado que o racismo expresso na obra, não apenas influencia os sentimentos e escolhas profissionais de vários personagens, mas também permeia praticamente todos os aspectos da vida de um negro como o protagonista. Tal realidade se estende também à narrativa da vida da mãe, também negra, e inevitavelmente à sua própria - do narrador/filho personagem -, marcada pela herança da cor tornando-o alvo e vítima do preconceito. Fica clara a intenção do autor, na escolha em abordar o tema do racismo na obra, o caráter de crítica sociológica da obra que, assim como a de Louis, a transforma em leitura necessária para a compreensão da sociedade e do momento histórico em que vivemos. Quando o narrador se recorda da fala de um ex-aluno do pai no seu enterro, a reflexão quanto ao racismo na sociedade brasileira é clara:"*... o professor Henrique Nunes não morreu por mera circunstância da vida, morreu porque era alvo de uma política de Estado. Uma política que persegue e mata homens e mulheres negras há séculos*" (Tenório, 2020, p. 179 e 180). Tomando como referência esse trecho do romance a obra de Tenório também poderia se chamar "Quem matou meu pai". A diferença na denúncia de Louis e Tenório em suas obras é que Louis estabelece um foco para a denúncia das políticas de governo, nas gestões, de diferentes presidentes, ministros e administradores públicos que são citados

nominalmente na obra, sem afastar o caráter de Estado do modelo de exploração dos trabalhadores assalariado fabris, chamando a atenção também para a transmissão dessa "visão de mundo" entre gerações de uma mesma família. Em Tenório o foco é a "política de Estado", citada nessa passagem, que caracteriza o racismo estrutural presente no Brasil e que também é transmitido entre gerações de uma família que no caso da obra de Tenório, aparece nos personagens típicos da sociedade onde os personagens centrais vivem. Os personagens centrais, por sofrerem o preconceito, adotam uma transmissão cada vez mais crítica da visão de mundo em que o racismo estrutural está contido. A ligação desses aspectos de discriminação social com a transgeracionalidade é a reprodução pela parentalidade. Os pais não rompem com o modelo, transmitem pelo conjunto de valores ou por seu próprio comportamento com relação aos seus filhos.

Terceiro aspecto - manifestações da masculinidade: violência, opressão, discriminação, alcoolismo e autoritarismo

A masculinidade aparece nas duas obras como um peso repassado pela transgeracionalidade, uma expectativa que limita e violenta os personagens. O pai na obra de Louis internaliza um modelo de masculinidade calcado na negação da fragilidade e na recusa da afetividade. Essa herança impacta diretamente a relação entre pai e filho, impedindo que o filho desenvolva uma relação com sua identidade homossexual e com a sua afetividade. O narrador descreve a surpresa de ter visto o pai chorar assistindo a uma ópera, apesar de o discurso paterno ser o da negação da fragilidade, pela afirmação de que "homem não chora":

> "O mais incompreensível é que mesmo aqueles que nem sempre são capazes de respeitar as normas e as regras impostas pelo mundo insistem que elas sejam respeitadas, como você, quando dizia que um homem não devia nunca chorar.
>
> Será que você sofria disso, desse paradoxo? Será que tinha vergonha de chorar, você, que repetia que um homem não devia chorar?" (Louis, 2023, p. 15).

A modificação do formato da narrativa, nesse ponto colocando perguntas em relação à manutenção de uma "performance" de padrão de masculinidade afirma, na frase seguinte, que a encenação do papel social da masculinidade é um peso para todos os homens quando o narrador afirma para o pai: "Queria dizer a você: eu também choro. Muito, frequentemente." (Louis, 2023, p. 15). Quando o narrador denuncia normas e regras impostas pelo mundo, expressa um padrão transgeracional que se repete em todas as famílias que é reproduzido por seu pai, mas também por outros pais e até por mães que não conseguem romper com a farsa do papel social - como vimos o comportamento íntimo individual é diferente - do homem que não chora, carregando, sem derramar lágrimas as fragilidades e os pesos em suas costas.

Outra manifestação do "papel da masculinidade" na obra de Louis é o episódio do carro dirigido em alta velocidade:

> “Quando você dirigia seu carro, eu dizia: Faz como o piloto de Fórmula 1! E você acelerava, chegava a mais de cento e cinquenta quilômetros por hora nas estradinhas do interior. Minha mãe ficava com medo, gritava, chamava-o de louco, e você me olhava no retrovisor, sorrindo. (Louis, 2023, p. 16 e 17).”

Nessa passagem a transmissão geracional de comportamentos arriscados e desafiadores, mostra como surge uma cumplicidade entre homens em apoio a assunção desses padrões e estereótipos de masculinidade. O narrador, menino, pede ao pai que corra com o carro, o pai realiza o pedido apesar do medo da mulher - esposa e mãe - e, olha pelo retrovisor com um sorriso de quem receberá a aprovação da cumplicidade masculina ao desafio de limites e à desconsideração da opinião feminina.

Em outras manifestações do papel masculino nas duas obras, surge a denúncia da violência e do alcoolismo. Na obra de Louis o alcoolismo e a violência aparecem juntos já em relação ao avô do narrador: “Seu pai bebia muito e algumas noites, por causa do álcool, batia na sua mãe. Pegava pratos, pequenos objetos, às vezes até mesmo cadeiras, e jogava na cara dela antes de acertá-la com socos.” (Louis, 2023, p. 17). Em relação à violência, segundo o narrador, existe a intenção do pai de interromper a transmissão geracional: “...como seu pai era violento, você repetia obsessivamente que nunca seria violento, que nunca bateria em nenhum dos filhos...” (Louis, 2023, p. 19). No entanto, o alcoolismo, também transmitido entre gerações, é compreendido pelo narrador como uma forma de esquecer a violência da vida e do mundo, gerando cada vez mais violência:

> “A bebida ajudava a esquecer. O mundo era o responsável, mas como condenar o mundo, o mundo que impunha às pessoas à nossa volta uma vida que só podiam tentar esquecer - com bebida, através da bebida.” (Louis, 2023, p. 19).

Nessa passagem, o narrador deixa claro que o círculo vicioso resultante dessa transmissão geracional de alcoolismo e violência tem como resultado apenas a morte: “Era esquecer ou morrer, ou esquecer e morrer. Esquecer ou morrer, ou esquecer e morrer da vontade de esquecer” (Louis, 2023, p. 20). Sempre morte como resultado da reprodução transgeracional de uma classe assalariada fabril entorpecida e violenta.

Na obra de Tenório, a manifestação de masculinidade transmitida entre gerações surge imposta, como quase tudo na sociedade brasileira, pelo preconceito: de classe, de gênero e de cor da pele - pelo racismo. Uma espécie de “rito de passagem” da infância para a idade adulta no Brasil é o alistamento militar. O narrador denuncia através da memória paterna esse momento, muitas vezes vexatório, imposto por meio de instituições do Estado como símbolo de masculinidade no país:

> “Você lembra quando um sargento mandou você e os outros garotos tirarem a roupa e depois disse para todos vocês ficarem de quatro, e após instantes vocês se entreolharam e alguns até chegaram a fazer menção de baixar e ficar de quatro como ele havia mandado, mas logo em seguida vocês ouviram a risada sarcástica do sargento dizendo que era só uma brincadeira e que era para porem a roupa de volta, porque todos vocês iam jurar a bandeira. Disse ainda

> que o Exército precisava de homens fortes e não de mariquinhas magricelas igual a vocês." (Tenório, 2020, p. 17).

A denúncia sobre como o exército permite que sejam tratados jovens que são obrigados a se alistar, aponta diretamente para o controle masculino das instituições que detém o monopólio no uso legítimo da força, que caracteriza o Estado moderno. Trata-se de um reforço do estereótipo de violência ligado à masculinidade que, apesar de uma crítica cultural insistente e de longa data, como na música de Geraldo Vandré no Festival Internacional da Canção de 1968 (em plena Ditadura Militar): "Há soldados armados / Amados ou não / Quase todos perdidos / De armas na mão / Nos quartéis lhes ensinam / Uma antiga lição / De morrer pela pátria / E viver sem razão", ainda é vista com naturalidade, ainda persiste com a crença de que "servir ao exército transforma os meninos em homens". Essa prática da masculinidade transgeracional se afirma por meio de um discurso ideológico para manter a instituição com um quantitativo físico de soldados - e os respectivos superiores de mais alta patente -, que não se justifica na contemporaneidade.

Na obra de Tenório o pai do narrador tenta romper com estereótipos de violência simbólica da intersecção entre a masculinidade e o racismo estrutural da sociedade brasileira transmitidos entre as gerações, situação que fica clara na passagem em que o narrador cita as orientações que o pai recebeu dos avós:

> "*Não fale alto em certos lugares, as pessoas se assustam quando um rapaz negro fala alto. Não ande por muito tempo atrás de uma pessoa branca, na rua. Não faça nenhum tipo de movimento brusco quando um policial te abordar. Nunca saia sem documentos. Não ande com quem não presta. Não seja um vagabundo, tenha sempre um emprego.* Tudo isso passara anos reverberando em você. Como uma espécie de mantra. Um manual de sobrevivência. (Tenório, 2020, p. 88).

Nesse ponto é possível compreender por meio da narrativa da obra literária que existe uma masculinidade branca: autônoma, "empreendedora" e violenta e, uma masculinidade negra: impactada pelo racismo estrutural da sociedade brasileira que é oprimida, calada e dependente oportunidades e concessões. Esse padrão também é transmitido entre gerações configurando a transgeracionalidade.

Outro trecho que exemplifica a mesma situação é o da entrevista de emprego para *office boy* do pai, em um escritório de advocacia, com o homem branco, dono do escritório:

> "Ele se chamava Bruno Fragoso. Tinha quarenta e dois anos. Era um homem baixo, calvo, de rosto angulado e, embora não fosse fumante, tinha voz rouca de fumante. Ele te fez esperar por quarenta minutos, porque queria parecer ocupado e importante, no entanto, anos mais tarde, você descobriria que ele, na verdade, ficava na frente do computador jogando paciência ou vendo pornografia. Depois do tempo de espera, Bruno apareceu, apertou sua mão, sentou-se na sua frente e ficou te observando. Você tinha dezenove anos mas ainda não sabia muita coisa sobre autoestima, nem sobre se valorizar e essas coisas necessárias para manter a sanidade, por isso você não conseguia olhar por muito tempo nos olhos dele. Bruno percebeu isso. Você era tudo que ele precisava. Você era uma presa fácil. Assim, com total domínio da

> situação, Bruno disse, com muita naturalidade, que não gostava de negros. Você levantou os olhos. Bruno não se intimidou e repetiu a frase: não gosto de negros." (Tenório, 2020, p. 20).

A masculinidade branca e transgeracional é permissiva, tem a liberdade de dizer o que pensa, mesmo que não corresponda à realidade social como fica evidente nessa passagem.

Em ambas as obras é possível perceber a força da manifestação da masculinidade transmitida entre gerações. É possível perceber também, como a literatura pode se constituir em um meio para a conscientização crítica sobre como opera esse processo. A compreensão da transmissão de padrões de violência, opressão, discriminação, alcoolismo e autoritarismo, entre gerações é um primeiro passo para a construção de relações mais fraternas e harmônicas.

A obra literária como instrumento de crítica e conscientização social - como opera a colonialidade de gênero cisheteronormativa branca e o potencial emancipador social e subjetivo da literatura

A literatura, ao longo da sua existência, vem se justificando com base em funções tão diversas como: estética, cognitiva, lúdica/entretenimento, educativa/didática e outras. Em relação aos aspectos abordados nesta análise crítica, as funções social, política, identitária, de representação e psicológica da literatura se destacam e, parecem ter uma relação direta com o sucesso entre leitores e crítica que ocorre em uma autoficção como *Quem matou meu pai*, mas também em uma ficção com muitos aspectos em comum com a história de vida do autor, como é o caso de *O avesso da pele*.

Um ponto em comum aos aspectos de transgeracionalidade presentes nas duas obras e, debatidos nessa análise, e que parecem fundamentais à repercussão das obras, é a denúncia presente na *mimesis* literária, sobre como opera a colonialidade de gênero cisheteronormativa branca. As manifestações de masculinidade transmitidas entre gerações e tratadas no terceiro aspecto da transgeracionalidade dessa análise têm em comum sempre um mesmo sujeito de poder, o homem cisheteronormativo branco. Ao longo de toda a história da civilização eurocêntrica ocidental, esse sujeito de poder colonizou outros corpos: das mulheres, dos negros, de homossexuais e mais recentemente, corpos trans. O mecanismo dessa dominação sempre foi o de se estabelecer como referência, configurando a identidade da norma e da normalidade como reflexo do seu comportamento e do seu ser. Posicionado como, "o referencial" de normalidade, esse homem branco cisheteronormativo, exerceu, e ainda exerce, poder sobre os demais corpos, "ensinando" como os outros deveriam se comportar para serem iguais a si, inclusive, medicando quando os outros corpos ofereciam resistência. Dessa forma, mulheres foram "tratadas" de histeria, homossexuais de transtornos ou degeneração moral, negros de falta de inteligência ou falta de disposição para o trabalho.

A história e as etapas da colonialidade que homens brancos cisheteronormativos exerceram e exercem sobre outros corpos podem ser observadas no texto de Bruno Latini Pfell e Cello Latini Pfell, *Uma crítica à reprodução da colonialidade cisgênera no feminismo decolonial* (2023). As obras literárias aqui analisadas, lograram êxito em estabelecer a imitação da realidade na arte, que é a *mimesis* literária, na narrativa de representação do mundo, das ações humanas, emoções e eventos, caracterizando perfeitamente a maneira como esses eventos ocorrem e os seus desdobramentos.

Em Quem matou meu pai, Louis consegue estabelecer um relato sobre como decisões políticas afetam a vida das pessoas, especialmente as que estão na base produtiva da sociedade, os trabalhadores assalariados. E, enquanto tece a crítica política, ainda aponta como o narrador, por meio da negação de valores e crenças das gerações anteriores, escapa ao círculo vicioso de violência, exploração, discriminação e morte promovido pelo modo de produção social, pelos sujeitos de poder cisheteronormativos brancos e transmitido entre gerações.

Na obra *O avesso da pele* a escolha do autor em abordar o tema racismo estrutural da sociedade brasileira na obra, resulta em uma influência direta desse tema na construção do personagem e na elaboração do enredo do romance. O narrador evidencia como o racismo exerce sua influência sobre todos os aspectos da existência de uma pessoa negra no Brasil, sufocando a liberdade e autonomia. O modelo, também resultante de um círculo vicioso de violência, exploração, discriminação e morte, também promovido pelo modo de produção social, pelos sujeitos de poder cisheteronormativos brancos, se mostra na *mimesis* de Tenório como uma realidade tão opressora, a ponto do protagonista não poder andar na rua de maneira distraída, pensando no sucesso da aula que acabou de dar e no entusiasmo dos seus alunos, que termina sendo mais um alvo e uma vítima fatal do genocídio de Estado contra a população negra.

Assim, as obras *Quem matou meu pai*, de Louis, e *O avesso da pele*, de Tenório, demonstram como a literatura pode cumprir funções sociais, políticas, identitárias, de representação e psicológicas, ao revelar as complexas dinâmicas de poder que moldam as experiências individuais e coletivas. Ambas as narrativas exploram a transgeracionalidade da opressão, expondo como a colonialidade de gênero cisheteronormativa branca estrutura sistemas de violência, discriminação e morte, afetando profundamente as subjetividades e as relações sociais. Ao evidenciar o papel da mimesis literária na denúncia dessas estruturas, as obras não apenas representam a realidade, mas também a desconstroem, permitindo novas formas de compreensão e resistência. Assim, ao questionarem o referencial de normalidade imposto pelo sujeito de poder branco cisheteronormativo, Louis e Tenório desafiam o status quo, oferecendo novas perspectivas sobre identidade, poder e liberdade. Dessa forma, essas narrativas reafirmam o potencial transformador da literatura ao iluminar as tramas da colonialidade e ao abrir caminhos para a emancipação subjetiva e social.

Bibliografia

LOUIS, Édouard. *Quem matou meu pai*. São Paulo: Todavia, 2023.

OLIVEIRA, Mylena Cordeiro de; RIBEIRO, Anna Costa Pinto; BONFATTI, Paulo Ferreira. *Transgeracionalidade: perspectivas psicanalíticas e junguianas.* Cadernos de Psicologia, Juiz de Fora, v. 4, n. 8, p. 889-914, jul./dez. 2022.

PFELL, Bruno Latini; PFELL, Cello Latini. *Uma crítica à reprodução da colonialidade cisgênera no feminismo decolonial*. Revista Praia Vermelha, Rio de Janeiro, v. 33, n. 2, p. 324-348, jul./dez. 2023.

SANTOS, José Alcides Figueiredo. *Desigualdade racial na transmissão intergeracional da herança de classe social***.** Sociologias, Porto Alegre, v. 24, n. 59, p. 328–360, 2022. Disponível em: https://doi.org/10.1590/15174522-112756. Acesso em: 9 fev. 2025.

TENÓRIO, Jeferson. *O avesso da pele*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.